

Resenha do livro "O Corcunda de Notre Dame", de Victor Hugo

Elaborado por: Roberta de Araújo Binatti

O CORCUNDA DE NOTRE DAME – VICTOR HUGO

Em *O Corcunda de Notre Dame*, Victor Hugo nos apresenta algumas das mais contundentes e milenares questões da humanidade: a dificuldade em conviver - e aceitar - as diferenças e as desenfreadas ambições humanas para se conseguir aquilo que se quer.

Embora, Quasímodo, o corcunda, seja a maior representação da dificuldade para aceitar alguém ou algo muito diferente, Victor Hugo nos mostra muitas outras no decorrer desta leitura.

A história é ambientada na cidade de Paris, meados do século XV, na torre da catedral gótica mais famosa de toda Europa, onde vive Quasímodo, que significa domingo de pascoela, isto é, o domingo após a páscoa. Quasímodo era o sineiro da catedral um homem de feições deformadas, membros detorcidos, porém sensível às manifestações da beleza em todas as suas nuances. Alguém que sofre muito por sua imposta solidão.

Quasímodo é um ser taciturno, que almeja sair para o mundo, ainda que este mundo seja o entorno da catedral de Notre Dame, onde se realizam diversas festividades, numa delas ele foi aclamado pela cidade como papa dos loucos, uma espécie de bobo da corte, devido a suas características físicas:

A careta era o próprio rosto, ou melhor, a pessoa toda era uma horrível careta: uma cabeça grande ouriçada de cabelos ruivos: entre os dois ombros uma corcunda enorme da qual o contragolpe se fazia sentir na parte frontal de seu corpo; um sistema de coxas e de pernas tão estranhamente tortas que se tocavam apenas por meio

dos joelhos; pés grandes, mãos monstruosas e apesar da deformidade, uma aparência de vigor agilidade e coragem.

Quando ainda era criança Quasímodo foi adotado por Frollo, cardeal da catedral de Notre Dame. Um homem que por detrás de seu pseudo-moralismo e seriedade, possui uma personalidade vil, déspota e possessiva, um típico representante da santa inquisição.

Frollo tinha plenos poderes sobre a cidade e a sociedade em que vivia. cobrava eternamente a bondade de ter adotado Quasímodo, segundo ele, alguém que até sua própria mãe rejeitou. E tendo-o criado na escuridão da torre de Notre Dame, fez do corcunda seu escravo, além de tentar destruir sua personalidade, igualando-o sempre a um monstro.

Durante uma das festividades nos arredores de Notre Dame, as quais Quasímodo sempre assiste do alto da torre, ocorre um pequeno tumulto.

Observando as ocorrências, Quasímodo vê uma linda mulher envolvida na confusão. Vê uma beleza diferente, radiante. Alguém que com sua simples presença, lhe deu coragem: a mulher estava sendo presa, acusada de criminosa, sendo machucada.

E Quasímodo, pela primeira vez, em toda a sua vida, sai da catedral para salvar aquela que, ele descobre depois, chama-se Esmeralda. O povo quando vê a criatura que nunca tinha visto antes reage de forma animalesca. Quasímodo consegue, a princípio, salvar Esmeralda e fica completamente encantado por ela. Esmeralda, por sua vez, se encanta e se ressentida pela situação imposta a Quasímodo. Afinal, eles são muito similares: sozinhos e considerados marginais pela sociedade, ele pela aparência, e ela por ser cigana, povo altamente repudiado pelo clero da época.

Apesar da atitude heróica de Quasímodo, Esmeralda é presa novamente. Na prisão, é torturada por um homem que se sente atraído sexualmente por ela: o cardeal Frollo. Ele a tortura e a machuca, pois em sua mente doentia, ela é a representação de satã ao despertar tais sentimentos e desejos num homem santo como ele. Nesse

Ínterim, um nobre cavaleiro francês, tido como herói de guerra, chega à cidade. Conhece Quasímodo, se apaixona por Esmeralda e compra uma verdadeira guerra com Frollo, o todo poderoso local.

Daí por diante, com uma maestria única, Victor Hugo nos apresenta a uma infinidade de personagens, situações, emoções e sentimentos que nos fazem rir, chorar e nos emocionar.

A queda do herói, quando Quasímodo conhece a verdadeira face. Frollo, a manipulação pela religião de toda uma sociedade, o preconceito, a luxúria, o ódio e a paixão, permeiam essa grande história, dita fantasiosa, mas que em outros aspectos, ocorre até os dias de hoje. Trágica - sim, de certa forma - mas, acima de tudo, uma bela lição sobre coragem, luta e amor.

Na Europa do século XIX, na qual o escritor Victor Hugo viveu, ou ainda nos dias atuais, aceitar e respeitar o outro como ele realmente é não tem sido tarefa das mais fáceis. Eis o que a narrativa tenta demonstrar de maneira bastante sensível.

Referência Bibliográfica:

HUGO, Victor. O Corcunda de Notre Dame. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.